

JEAN WYLLYS

O ANONIMATO
DOS AFETOS
ESCONDIDOS



TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JEAN WYLLYS

O ANONIMATO
DOS AFETOS
ESCONDIDOS

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Jean Wyllys, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Fernanda Guerriero Antunes
REVISÃO: Elisa Martins e Maitê Zickuhr
PROJETO GRÁFICO: Nine Editorial
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Renata Spolidoro
IMAGENS DE CAPA: St Sebastian (oil on canvas), Luisa Ricciarini /
Bridgeman Images; Macrovector/ Freepik

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Wyllys, Jean

O anonimato dos afetos escondidos / Jean Wyllys. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2025.
192 p.

ISBN 978-85-422-2995-0

1. Literatura brasileira I. Título

25-2446

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

11	O fundo do coração (Primeiro depoimento)
15	O fundo do coração (Segundo depoimento)
19	O fundo do coração (A verdade dos fatos)
23	Preciso de trilha para viver
27	Só nos resta viver
29	Todos nós a esmo
33	Fragmento de saudade explícita
37	Amor sem palavras, cinema mudo
41	Lua vermelha
45	Os sonhos morrem primeiro
49	Nada será como antes
53	Por onde andou meu coração?
57	Diga lá, meu coração

59	O amor entre as águas
63	Aquela canção de Carnaval
67	A vida tem dessas coisas
71	O curso da felicidade
75	Não manipule meu medo
79	Quem dera ver você de novo
83	Rancor
87	O menor homem do mundo
91	As duas margens do rio
95	Caça e caçador
99	A tenebrosa sombra do desejo
103	O melhor do homem
107	O olho da escuridão
111	Bolero de Satã
115	Entre mulheres
119	A solidão, esse castigo

123	A cor do sangue
125	À margem do Retiro
129	A mãe do monstro
133	Tudo vale a pena
137	<i>Pharmakon</i>
141	Morte
147	A sombra dos aflitos
155	Flores tristes e baldias
161	Tudo velcro
167	Sete cafés
173	Cinema sem tela
179	Cinema sem tela II: A missão
185	Cinema sem tela III: O Juízo Final

O fundo do **coração**

(Primeiro depoimento)

Eu nunca amei meu marido. Na verdade, jamais amei alguém na vida. Mas não estou me referindo ao amor que os filhos sentem pelos pais e vice-versa, que corre em sentido oposto ao do sexo, apesar dos incestos. Refiro-me ao amor que existe entre os amantes, aquele que é sexo e amizade. Em momento algum fui amiga dos meus parceiros, muito menos do meu marido, com quem eu só trepei durante os três primeiros anos. Sabe, doutor, o casamento, ao fim de três anos, transforma-se em um fardo difícil de carregar, sobretudo entre as pessoas da minha classe. O senhor já imaginou o que é dormir todos os dias com um homem gordo que sua durante a noite e arrota uísque? Não há relacionamento

que sobreviva à obesidade, em todos os sentidos da palavra, se é que o senhor me entende. Como se não bastasse essa gordura nojenta que envolvia nossas vidas, meu marido achava que tudo na vida tinha um preço. Costumava corromper os que estavam à sua volta, principalmente os mais pobres, que, por causa da desvantagem, desciam em seus valores morais. O senhor sabe, todo mundo quer ser feliz, não importa como. Eu posso até entender as razões de quem se deixa corromper, mas nunca as de quem corrompe. Minha formação, doutor, é outra. Qualquer casamento, com o tempo, vira uma engrenagem coberta de ferrugem.

Bom, entrando no assunto que lhe interessa, meu marido, por ter e gostar tanto de dinheiro, era uma pessoa autoritária, considerava-se onipotente. Por causa dessa postura, ele queria saber todos os meus segredos. Ora, doutor, ninguém nesta vida pode viver sem segredos. Existem dimensões, verdades, momentos na vida do ser humano que só a ele pertencem. Pensando assim, recusei-me a mostrar a caixa para ele, que a tomou à força. O que a caixa continha? Retratos de latrocidas, estupradores, psicopatas, ou seja, criminosos de todos os tipos. O que eu fazia com esse material? Estimulava-me sexualmente. Se o senhor não sabe, existem mulheres que, embora considerem o estupro um crime hediondo, têm fantasias sexuais com estupradores.

Mas, voltando ao assunto: depois que fui humilhada, decidi me vingar. Vi, nas páginas policiais, um

rapaz preso sob acusação de estupro seguido de morte. Coloquei um advogado em sua defesa que conseguiu tirá-lo da cadeia. Em seguida, realizei minhas fantasias dormindo com ele em seu casebre. Por fim, pedi a ele que matasse meu marido. O resto da história o senhor conhece. Se eu não sinto remorso? Do fundo do coração, não.

TUSQUETS
EDITORES

O fundo do **coração**

(Segundo depoimento)

Eu tava lá na cela, atrás das grade, quando os homem vieram me soltar, dizendo que uma dona pagou um advogado pra me defender. Eu não conhecia ela, não. O advogado só me disse pra eu não aprontar porque eu tava solto por causa de um... um... Como? Isso: um *habeas corpus*. Fui pra minha casa. Não a que eu morava com minha mulher, mas a que eu vivia sozinho, um barraco lá nas brechada do Planeta dos Macacos. Aí, um dia, apareceu aquela dona lá, toda arrumada. Eu não sabia quem era, e até estranhei os ladrão da área não ter passado a mão nela. Aí ela entrou e disse que era a mulher que me tirou da cadeia. Falou que tinha me visto em Valera... Como? Varela? Pois é, que

tinha me visto em Varela, e que eu era bonito. Aí, doutor, ela abriu uma caixa que ela tava na mão e me mostrou um bocado de retrato de ladrão, gente até que eu conhecia, e pediu que imitasse a pose dos retrato. Eu achei aquela dona maluca me pedindo aquilo, mas ela tava me mostrando o sutiã e soltando o cabelo. O senhor sabe, o senhor é homem. O senhor sabe, homem não pode ver mulher, ainda mais bonita e safada como ela era. Aí, eu comecei a fazer as pose enquanto ela tirava a roupa. Eu não aguentei muito porque nenhum homem é de ferro. Agarrei ela, joguei no chão e fui pra cima dela. O senhor pensa que ela reclamou? Não, pedia pra eu bater na cara, e eu bati. E ela pedia mais. E eu bati até ela sangrar. Depois, ela me deu dinheiro e pediu que matasse o marido dela. Disse que o homem não prestava, que xingava ela. Eu fiquei com pena da desgraçada e resolvi matar o cara. Mas não foi pelo dinheiro, não, foi por ela. Ela me deixou louco. Aí eu comprei uma arma na mão de um cumpade e fui no lugar onde ele trabalhava dizendo que tava procurando emprego. Ela me ensinou tudo. Aí eu entrei, pedi pra falar com ele, e a secretária disse que ele tava ocupado. Botei a arma na cara dela e mandei chamar o cara. Quando ele veio, mandei ele amarrar a secretária com as tomadas e descer comigo. Depois, eu mandei ele pegar o carro e dirigir até o CIA, o aeroporto, que eu tinha uma coisa pra mostrar. Chegando lá, desci do carro e ele ficou sentado. Cheguei em frente do carro e dei dois tiros no para-brisa, na direção dele. Por que eu atirei no vidro?

Vi isso num filme e achei bonito matar um cara assim. Voltei a pé pra casa e depois de dois dias fiquei esperando a dona. Ela não apareceu. Comecei a ficar louco, eu queria aquela mulher de novo. Os dias foram passando e ela não vinha, e o ódio aumentando. Deixei até de procurar minha mulher. Aí eu pensei: *Ou eu encontro ela pra matar, ou eu entrego essa vaca pra polícia.* Como eu não achei, resolvi contar tudo pro senhor. E vou dizer uma coisa, do fundo do coração: se eu encontrar aquela mulher de novo, eu mato.

TUSQUETS EDITORES

O fundo do **coração**

(A verdade dos fatos)

“O que o senhor quer desta vez?”, perguntou, um pouco nervosa. “A senhora está livre”, respondeu o delegado. “Como assim?”, espantou-se. “A senhora quer mesmo saber?” “Claro!”, respondeu convicta. “Sente-se, por favor”, pediu o delegado. A mulher sentou-se lentamente. “A senhora disse que havia mandado matar seu marido porque ele a maltratava e era um porco sujo, não foi?” Ela assentiu com a cabeça. “Pois é, o seboso está vivo e, nessa altura do campeonato, rindo da senhora.” “Como assim? Que tipo de brincadeira é essa?” “Brincadeira nenhuma, senhora. Como a polícia não encontrou o corpo, resolvemos dar uma prensa no elemento que a senhora contratou para apagar seu

marido. Apaixonado pela senhora, com pena de seu sofrimento, o cara abriu o bico. Disse que recebeu uma grana preta do seu marido para forjar o assassinato. Ele, de fato, foi até o escritório, para que a secretária o visse e a presepada ficasse mais verdadeira. Pegou seu marido e foi até o CIA. Lá, já havia alguém esperando por ele em outro carro. Antes de ir embora, seu marido cortou o braço e pingou sangue sobre o banco. Depois, o vagabundo deu um tiro no para-brisa, como ele contou.” “Não é possível. Meu marido não conhecia esse cara”, falou desesperada. “O problema é que a senhora acha que seu marido é um otário, e ele não é. O delinquente contou que foi o advogado que o apresentou ao seu marido.” “O advogado?”, perguntou espantada. “Em sua casa, o telefone tem extensão?” “Sim.” “Então é provável que seu marido tenha ouvido alguma conversa entre a senhora e o advogado e decidiu comprá-lo por um preço bem mais alto. Ele, por sua vez, deve ter aceitado, porque, a senhora sabe, todo mundo tem um preço. Nossa hipótese é reforçada pelo fato de que o cara sumiu e levou a família junto. Outra coisa, a mãe e a mulher do delinquente compraram uma casa nova. Agora, eu lhe pergunto: com que dinheiro?” A mulher começou a chorar. “Escute, minha senhora, a raiz de todo crime é o dinheiro. Por dinheiro, nós somos capazes de tudo, agimos como cães, que são fiéis aos humanos, e não aos seus semelhantes. Vá embora, a senhora está livre. Vá pra casa descansar”, concluiu o delegado. Em seguida, ordenou aos dois agentes que

acompanhassem a mulher. Quando se viu sozinho, pegou o telefone e discou um número. “Alô, sou eu. Ela acabou de sair. Amanhã eu pego o resto da grana no lugar combinado. Se falhar, eu fodo com você”, e desligou. Olhou pela janela e leu a frase pichada no muro em frente: “O fundo do coração é um depósito de lixo”.

TUSQUETS
EDITORES

Preciso de trilha para **viver**

Sou das canções. Sempre que acontece algo importante comigo, ouço uma música entrar para embalar a cena. Como no cinema. Será que foram os filmes, principalmente os de Hollywood, que reeducaram nosso modo de ver a vida? Ou eles são o resultado da forma como as pessoas percebem o mundo? Não sei. A verdade é que estou sempre sob um fundo musical, mesmo que nenhum aparelho de som esteja ligado. Minha vida tem uma trilha sonora que vai se compondo à medida que vai se dirigindo ao encontro da morte. Quando conheci a Cidade Baixa, por exemplo, ouvi a voz de Gal Costa, vinda não sei de onde, cantando “Na baixa do sapateiro”, de Ary Barroso.

O Centro Histórico de Salvador, com seus negros, estrangeiros, ambulantes, compradores, ladrões e putas, parece embalado pelos tambores do Olodum, pelo samba-reggae. Se piso os pés na avenida Antônio Carlos Magalhães e vejo prédios com fachadas de vidro e viadutos sobrevoando os carros em velocidade, ouço Adriana Calcanhotto cantar “O nome da cidade”, de Caetano Veloso. Quando a cidade está em Carnaval, apesar do axé music, sou acompanhado, ao longo da avenida, pela voz de Moraes Moreira cantando: “Eu sou o Carnaval em cada esquina do seu coração/ Eu sou o pierrô e a colombina de Ubarana-Amaralina/ Que alucina a multidão”. Quando estou especificamente na praça Castro Alves, ouço Daniela Mercury cantar “Pombo-correio”, do mesmo Moraes Moreira. Em domingos comuns, ao passar pela Boca do Rio, em direção à Praia dos Artistas, meus ouvidos são invadidos pela voz possante de Margareth Menezes cantando “Domingo no parque”, de Gilberto Gil. Em todas as minhas ações ouço uma voz. Nos dias em que estou apenas alegre, abro a janela para a Baía de Todos-os-Santos ao som de “Os mais doces bárbaros”, de Caetano, cantada por Carlinhos Brown. A trilha, entretanto, parece acentuar-se nos momentos solitários de minha vida, como quando estou sofrendo e amando. Amar é sofrer; já não duvido mais. Lembra aquelas cenas do cinema em que não há diálogo e o protagonista sofre ao som de uma canção de amor (quase sempre escorregando na parede ou quebrando

um espelho)? É mais ou menos assim que acontece comigo.

Em dias tristes, quase chuvosos, eu, invadido pela saudade de meus pais e irmãos, ouço Gal Costa cantar: “Palavras, calas, nada fiz/ Estou tão infeliz”.

Quando alguém se reflete em meus olhos, como luzes de faróis, meus ouvidos ganham a melodia de “Âmbar”, na voz de Maria Bethânia. E se sou abandonado, faltando um pedaço, ouço Angela Ro Ro cantar “Só nos resta viver”; Roberto Carlos cantar “Detalhes”; e Chico Buarque, “Olhos nos olhos”. Eles me ensinam que o amor não tem fim. Nasce e morre enquanto vivemos, toma emprestado da natureza a eternidade, como diz Pablo Neruda. Poderia citar mais exemplos, mas são tantas as músicas, e eu, tão pouco. Só queria dizer que, quando o filme de minha vida acabar, as canções farão parte de novas trilhas, que vão embalar a vida de pessoas que, como eu, não sabem viver sem música.